

## DOCUMENTAÇÃO

[www.aese.pt](http://www.aese.pt)

### **EUA: menos casamentos, mas duram mais**

Desde há três décadas, ouve-se nos Estados Unidos o refrão de que um em cada dois casamentos acaba em divórcio. Mas um relatório do Departamento do Censo desse país revela que o casamento, ali, se está a converter numa instituição social mais estável: as pessoas casam-se menos, é verdade, mas, com aquelas que o fazem, os casamentos duram mais em comparação com o que ocorria nos anos 80 e 90.

O The Survey of Income and Program Participation (SIPP) é um dos inquéritos nacionais que podem propiciar uma fotografia *robot* mais fiável de como são os maiores de 15 anos e os lares dos Estados Unidos. Com uma periodicidade aproximada de cinco anos, o SIPP centra-se no estado civil.

O último inquérito deste tipo foi realizado, no ano de 2009, em cerca de 39.000 lares. Nele participaram 55.497 adultos que foram casados alguma vez. A todos foi perguntado o número de anos que estiveram casados, se foram casamentos que não se desfizeram, ou se houve separações, divórcios, novos casamentos ou situações de viuvez, consoante os casos.

Rose M. Kreider e Renee Ellis, investigadoras do Departamento do Censo dos Estados Unidos, fizeram a ordenação destes dados, cruzaram-nos com os dos SIPP relativos ao estado civil que englobam o período de tempo que vai desde 1986 a 2009 e, além disso, analisaram a evolução do estado civil das mulheres e dos homens nascidos entre 1940 e 1944. Com todo este material, elaboraram um relatório ([www.census.gov/prod/2011pubs/p70-125.pdf](http://www.census.gov/prod/2011pubs/p70-125.pdf)) que oferece algumas conclusões inovadoras ("Number, Timing, and Duration of Marriages and Divorces: 2009", "Household Economics Studies", maio 2011, págs. 70-125, United States Census Bureau).

#### **Casamento mais tardio**

Uma primeira alteração significativa que marca tendência, é o aumento da idade do primeiro casamento, algo que se tem vindo a observar desde há algum tempo, mas que, agora, se junta ao dado de que esse atraso se traduz numa

percentagem maior de adultos jovens que acabam por não se casar.

Assim, enquanto que em 1986 a percentagem de mulheres entre os 25 e os 29 anos que não se tinha casado era de 27%, em 2009 subiu para 47%. No entanto, entre as mulheres de 55 anos, quase não houve variações (de 5% passou-se para 6% nesse mesmo período de tempo).

A tendência para adiar o casamento afeta ainda mais as mulheres afroamericanas. Enquanto que em 2009, 43% das mulheres brancas (não hispânicas) entre os 25 e os 29 anos não eram casadas, entre as mulheres afroamericanas dessa faixa etária, a percentagem atingia os 70%. Mas, também neste grupo, tem sido sempre mais frequente a maternidade à margem do casamento.

#### **Baixa o divórcio entre jovens**

Apesar de o divórcio continuar a ser mais alargado nos Estados Unidos do que na maioria dos países europeus, há alguns dados positivos. Em primeiro lugar, as taxas de divórcio começam a cair ligeiramente em comparação com as dos anos 80, quando chegaram ao seu ponto mais elevado. Contra os 74% de casados nos anos 80 que celebraram o seu décimo aniversário de casamento, a percentagem de casados que, a partir de 1990, chegaram a esse aniversário, subiu para 77%.

Também se consolida a queda do divórcio entre as gerações mais jovens. Com efeito, em 1996, a percentagem de mulheres casadas entre os 25 e os 29 anos que estavam divorciadas chegava aos 19%; em 2009, esta percentagem desceu para os 14%.

Idêntico padrão aconteceu entre as mulheres casadas entre os 30 e os 34 anos. Em 1996, a percentagem das divorciadas era de 26%, e, em 2009, baixou para 21%, uma queda de quase 20% de divórcios. Ao longo desses anos, também desceram as taxas de divórcio das mulheres entre os 35 e os 39 anos, 40 e 49 anos; pelo contrário, subiu nas faixas etárias das mulheres de 50 a 59, 60 a 69, 70 e mais anos.

## A educação é chave

A que se deve esta mudança de tendência? O relatório não oferece muitas explicações. Uma pista aponta para a legislação pró-divórcio dos anos 70, que afetou sobretudo as mulheres que agora se situam entre os grupos etários dos 50 anos em diante.

Outra causa: “Enquanto as taxas de nupcialidade caem e a união de facto se alarga, o casamento tornou-se mais seletivo para os adultos que estão em melhor situação económica e que têm mais formação”.

O relatório apoia esta conclusão num estudo do sociólogo norte-americano Andrew Cherlin (“The Marriage-Go-Round: The State of Marriage and the Family in America Today”, Random House, Nova Iorque, 2009). Na mesma linha, W. Bradford Wilcox – diretor do National Marriage Project e professor de Sociologia na Universidade da Virgínia – mostrou que nos EUA, a taxa de divórcios entre os casados com estudos superiores caiu 30% desde 1980, enquanto a dos casados com estudos não superiores subiu 6% (W. Bradford Wilcox, “The Evolution of Divorce”, “National Affairs”, nº 1, outono de 2009, pp. 81-94).

A partir destes dados, Wilcox defende a tese de que a progressiva desinstitucionalização do casamento – através do enfraquecimento jurídico e social do compromisso conjugal – abriu uma nova frente na diferença entre ricos e pobres: a desigualdade matrimonial.

Mas, quando Wilcox explica a evolução da instituição matrimonial não se detém unicamente nos aspetos económicos. “Atualmente, o casamento converteu-se numa instituição muito mais seletiva”, afirma. “As pessoas com mais formação, melhor posição económica ou mais religiosas são mais propensas a casar-se e a permanecerem casadas”, declarou ao “Washington Post” (18-05-2011).

Nem a decisão de se casar, nem as possibilidades de sucesso ou de fracasso no casamento, se determinariam por fatores económicos. Após décadas de numerosas ruturas familiares, parece que se vai impondo a ideia de melhor preparar o casamento e de se ter de adquirir uma consciência maior do compromisso envolvido.

Assim, o relatório do Departamento do Censo mostra um ligeiro aumento de 1-2% entre os aniversários celebrados em 2009 comparativamente com os de 1996. 83% dos casais que tinham contraído matrimónio no momento do inquérito de 2009, tinham celebrado o seu quinto aniversário; 55% tinham estado casados pelo menos 15 anos; 35% atingiram os 25 anos e 6% celebraram bodas de diamante.

J.M.

## Queremos casar-nos, mas não naufragar

Apresentada às vezes como a geração que vai dominar o mundo e outras como a geração perdida nas suas próprias incertezas, nos jovens do milénio convive a aspiração a casarem e a terem filhos, com o medo que os seus compromissos de vida sejam postos em causa. Isso permite explicar o motivo de hoje nos EUA diminuir a percentagem de pessoas casadas e subir a média etária do primeiro casamento.

Sobre os jovens da chamada Geração do Milénio – a primeira que atingiu a maioria no novo milénio – disseram-se muitas coisas. Que se entusiasma com as redes sociais e com os *piercings*. Que são muito sentimentais e pouco reflexivos. Que têm menos preconceitos ideológicos que os seus pais e avós...

O Pew Research Center apresentou-os imbuídos de uma auréola de confiança numa análise de 2010: “Seguros de si mesmos, sedentos de se expressarem, tolerantes, otimistas e abertos à mudança” ([www.pewsocialtrends.org/2010/02/24/millennials-confident-connected-open-to-change/](http://www.pewsocialtrends.org/2010/02/24/millennials-confident-connected-open-to-change/)).

Mas este retrato deveria ser confrontado com as conclusões do estudo “Lost in Transition” ([www.acepresa.com/articles/el-lado-oscuro-de-los-adultos-emergentes/](http://www.acepresa.com/articles/el-lado-oscuro-de-los-adultos-emergentes/)), para entender os receios que suscitam neles os projetos de vida a longo prazo.

### Os casados, maioria por escassa margem

Em dezembro passado, o Pew publicou um relatório de D’Vera Cohn, Jeffrey Passel, Wendy Wang e Gretchen Livingston ([www.pewsocialtrends.org/2011/12/14/barely-half-of-u-s-adults-are-married-a-record-low/1/#overview](http://www.pewsocialtrends.org/2011/12/14/barely-half-of-u-s-adults-are-married-a-record-low/1/#overview)) sobre a situação do casamento nos EUA com dois recordes importantes. O primeiro e mais chamativo: nunca como até agora tinha sido tão pequena a percentagem de pessoas casadas. Em 1960, 72% dos adultos (18 ou mais anos) estavam casados; em 2010 só o estavam 51% da população adulta.

A nova análise dos dados do censo que oferece o Pew, permite ver que a queda do número de casados é progressiva e constante. O gotejamento arranca ao acabar a década de 50 – considerada nos EUA como uma “idade do ouro” do casamento – e não se deteve. Basta ver que no ano 2000, os casados somavam 57% dos adultos contra os atuais 51%.

O segundo recorde: a média etária com que se contrai o primeiro casamento nunca tinha sido tão elevada para as mulheres (26,5 anos) e para os homens (28,7 anos). Também neste caso, a evolução é progressiva. Desde 1960, as médias etárias no momento do primeiro casamento subiram, para cada sexo, cerca de 6 anos.

A conclusão do Pew é lógica pura: a continuarem assim as coisas, em poucos anos as pessoas casadas nos EUA deixarão de ser a maioria que hoje são por escassa margem.

Este marco representa de modo simbólico que a instituição do casamento está a perder “quota de mercado” relativamente às uniões de facto, ao ser-se solteiro e ao divórcio, principalmente.

### **Não há “inversão ideológica”**

Se as pessoas casadas estão a caminho de deixarem de ser maioria nos EUA, será de pensar que aconteceu uma mudança profunda no significado do casamento na sociedade norte-americana? Será que as gerações mais jovens estão a virar as costas a esta instituição?

O relatório do Pew mostra que a descida do número de pessoas casadas se observa em todos os escalões etários, mas é mais aguda entre os jovens. Em 1960, 82% dos que tinham entre 25 e 34 anos estavam casados, tendo, em 2010, essa percentagem caído para 44%. A situação começa a igualar-se com a anterior a partir dos 35 anos, quando a maioria dos norte-americanos está casada.

Não obstante, os autores advertem que “ainda é cedo para saber se os jovens de hoje estão a abandonar o casamento ou, simplesmente, a adiá-lo”. Na realidade, aquilo que alguns consideram uma inversão ideológica a favor da união de facto, parece obedecer mais a fatores socioeconómicos.

O relatório do Pew destaca que a descida do número de casados foi menor entre os adultos com estudos superiores e rendimentos mais elevados. Isso avaliza a tese de que o enfraquecimento jurídico e social do casamento abre uma nova frente na diferença entre ricos e pobres, como vimos com Bradford Wilcox.

### **Como se veem: casados e com filhos**

Em março de 2011, o Pew publicou um relatório de Wendy Wang e Paul Taylor ([www.pewsocialtrends.org/2011/03/09/for-millennials-parenthood-trumps-marriage/](http://www.pewsocialtrends.org/2011/03/09/for-millennials-parenthood-trumps-marriage/)) específico sobre as atitudes dos jovens do milénio para com o casamento e a paternidade. Apesar da diversidade de pareceres (a mostra é de 2.691 jovens entre os 18 e os 29 anos), vê-se que o ideal a que aspira a maioria é casar-se e ter filhos.

Comparativamente a gerações anteriores, os jovens do milénio são mais propensos a ver o casamento desligado da paternidade. Contudo, são maioria (53% contra 44%) os que concordam com a afirmação de que “uma criança necessita tanto de um pai como de uma mãe para crescer feliz”.

Além disso, muitos pensam que não é bom para a sociedade que cada vez haja mais nascimentos fora do casamento: 63% desaprovam a maternidade solitária (como decisão voluntária), e 34% muito menos vê com bons olhos o aumento de nascimentos em uniões de facto.

E eles, o que querem? Entre os jovens que agora não estão casados nem têm filhos, 70% declaram querer casar-se e 74% ter filhos. 25% dizem não saber ainda se querem casar-se ou não, e 19% se querem ter filhos ou não. Só 5% recusam o casamento, e 7% não querem ter filhos.

### **Apreensão pelo divórcio**

Mas o ideal a que aspiram os jovens do milénio pode conhecer problemas – ou, pelo menos, demorar no tempo – devido à falta de confiança na sua capacidade para estabelecer relações duradouras e pelo medo da rutura conjugal.

É o que realça o estudo de Amanda J. Miller, Sharon Sassler e Dela Kusi-Appouh, “The Specter of Divorce: Views From Working and Middle-Class Cohabitators”, “Family Relations”, vol. 60, núm. 5., dezembro de 2011, pp. 602-616, onde se analisam as atitudes para com o casamento de 122 jovens de 18 a 36 anos que vivem em uniões de facto.

As investigadoras – da Cornell University e da University of Central Oklahoma – queriam compreender melhor o que existe por detrás da recusa do casamento por parte dos que decidem optar pela união de facto, por um lado, e saber se pensavam casar algum dia, por outro. Para isso, entrevistaram em profundidade os membros de 61 uniões de facto residentes no Ohio.

A principal descoberta é que mais de dois terços dos entrevistados (67%) dizem escolher a união de

facto por medo do divórcio. Por um lado, declaram “querer fazer bem as coisas” e casar-se uma só vez com o parceiro ideal, o que os leva a encarar a união de facto como um “período de prova” antes de fazer o “compromisso definitivo”.

Mas, por outro lado, paralisa-os o receio de terem de enfrentar as possíveis consequências que associam às ruturas conjugais (aponta o estudo, mesmo que não tenham tido a experiência do divórcio dos seus pais): dor emocional; estigma social; conflitos pela custódia dos filhos; problemas financeiros e legais...

A possibilidade de o seu casamento acabar desta forma é hoje, para muitos (estima-se que nos EUA haja 7,5 milhões de uniões de facto, jovens ou não), um motivo de peso para se decidirem pela união de facto, que permite sempre soltar o laço sem romper demasiado.

J. M.